

A cidade transparente, a imagem múltipla

Cristina Ferreira¹

Resumo

Este breve ensaio explora a conexão entre fotografia e percepção urbana, usando a exposição múltipla para gerar uma visão alterada da paisagem, criando paisagens imaginárias. Segundo Calvino, cidades podem suceder-se sem se conhecerem, refletindo sobre a complexidade da cidade. Por seu lado, Jay e Gombrich destacam que a visão vai além dos olhos, influenciada pela memória e conhecimento, e Spirn descreve a paisagem como complexa e multifacetada. As imagens transparentes da “cidade transparente” questionam as barreiras percebidas, onde Proust e Bachelard destacam a capacidade da fotografia de revelar novas perspectivas, ampliando a interpretação da cidade.

Palavras-chave: Fotografia; Imaginação; Exposição múltipla; Cidade; Visão.

Abstract

This brief essay explores the connection between photography and urban perception, using multiple exposure to generate an altered view of the landscape, creating imaginary landscapes. According to Calvino, cities can succeed others without knowing each other, reflecting on the complexity of the city. For their part, Jay and Gombrich highlight that vision goes beyond the eyes, influenced by memory and knowledge, and Spirn describes the landscape as complex and multifaceted. The transparent images of the “transparent city” question perceived barriers, where Proust and Bachelard highlight photography's ability to reveal new perspectives, expanding the interpretation of the city.

Keywords: Photography; Imagination; Multiple exposure; City; Vision.

¹ Doutora em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
E-mail: cristinaff@gmail.com.

Reconfigurando a Visão da Paisagem Urbana

Em *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino², Marco Polo descreve inúmeras cidades para Kublai Khan. Calvino escreve em um dos trechos do livro: “E nem pense em dizer-lhes que às vezes diferentes cidades se sucedem no mesmo terreno e sob o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecerem, incomunicáveis entre si.” Com base na ideia de estabelecer uma conexão entre fotografia e percepção, sensação e arquitetura da cidade, este ensaio utiliza o ensaio visual para compreender a fotografia como o meio de expressar sensações de materialidade, som ou tátil; transpor a aparência superficial de formas eternizadas pela luz. Ao reconfigurar como olhamos para o mundo e criar imagens de espaços habitados, este ensaio visual reconfigura e muda nossa percepção da paisagem urbana. Conforme o teórico brasileiro Nelson Brissac afirma:

a legibilidade da paisagem urbana das cidades estava relacionada à imaginabilidade, à capacidade de evocar uma imagem forte no observador. Pressupunha referências visuais, um domínio do espaço sensorial através da experiência e da observação visual. Mas a configuração atual impede o mapeamento mental das paisagens urbanas³.

A visão da cidade é intersectada, sobreposta e deslocada pelas memórias. Este ensaio fotográfico busca criar uma experiência sensorial da cidade usando a técnica de exposições múltiplas, comprimindo locais distintos na mesma moldura de imagem. A transparência entre diferentes planos que caracteriza as múltiplas exposições também se traduz em uma visão múltipla do espaço.

De acordo com Martin Jay⁴, na filosofia de Platão, “visão” parece ter significado apenas a do olho interno da mente. Platão frequentemente expressa sérias reservas sobre a confiabilidade dos dois olhos da percepção ordinária. Ele insistia que os seres humanos veem através de seus olhos, não com eles. As visões da cidade não são construídas apenas com os olhos, mas são fruto do pensamento. Para Ernst Gombrich⁵, o “olho inocente é cego” é verdadeiro em um nível fisiológico, assim como em um nível ético-político ou estético. Onde o olho físico é mantido refém por um corpo que nunca se moveu no espaço, nunca andou ereto, ou nunca foi capaz de tocar objetos, ele não vê nada além de um borrão caótico de luz e cor. Ao não se mover através do espaço para descobrir mais pontos de vista, bloqueia-se o olhar e a compreensão das coisas. Harris e Fairchild consideram que a visão, mesmo os atos mais simples e transparentes de pegar objetos, é uma espécie de leitura — a leitura que se experimenta quando se está absorto em um romance escrito, e as palavras parecem desaparecer enquanto se

2 CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis**. Lisboa: Teorema, 1990, p. 33.

3 BRISSAC, N. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Senac, 2003, p. 417.

4 JAY, M. **Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth Century French Thought**. California: University of California Press, 1992, p. 27.

5 GOMBRICH, E. apud. HARRIS, D; RUGGLES, D. F. **Sites Unseen: Landscape and Vision**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2007, p. 34.

está envolvido no mundo ficcional da narrativa. Mas isso significa que o olho experiente também é cego, embora de maneira diferente do olho inocente⁶. O olho “experiente” pode ser cego se usar seu conhecimento para olhar da mesma forma repetidamente em vez de usá-lo a favor de construir um olhar renovado.

O espaço é composto por vários “universos” que estão diretamente ligados à maneira como se o experimenta. Os espaços das imagens apresentadas aqui são vistas cotidianas da cidade, pontos de partida e chegada, interior e exterior, dia e noite, centro e periferia. Anne Spirn, referindo-se especificamente à paisagem, afirma que seu significado é complexo, camadas, ambíguo, e nunca simples ou linear⁷. Como Harris afirma:

porque a visão envolve conhecimento e memória, ela se transforma rapidamente, até mesmo imperceptivelmente, entre momentos e lugares específicos, experiências presentes e passadas, a maneira como se vê uma paisagem agora é profundamente afetada pela memória de tê-la visto no passado ou pelo conhecimento prévio trazido pelo espectador mesmo antes do primeiro encontro com a paisagem⁸.

Essa ideia é sustentada por Crary, quando ele diz que olhar intensamente para o espaço, olhar para pensar sobre o que se está vendo, requer “que efetivamente cancelemos ou excluamos da consciência grande parte de nosso ambiente imediato”⁹. Talvez seja esse corte com a realidade imediata que permite estender o olhar além do presente e do que é apresentado, para exercer uma visão completa no tempo e no espaço. Nesse sentido, explorei a técnica de múltiplas exposições para criar paisagens.

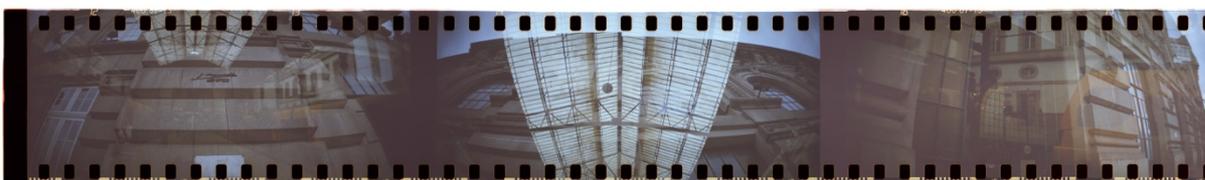


Fig. 1. *Transparência, Estação de S. Bento, Porto, Portugal (2014).*

Fonte: Arquivo da autora.

A imaginação trabalha em conjunto com a tecnologia para criar uma visão alternativa à realidade. Essas imagens transparentes mostram uma paisagem urbana que não existe e é o resultado da composição de um espaço imaginado. A “cidade transparente” elimina a opacidade e os limites entre os diversos planos da paisagem e questiona, no sentido mais visual da palavra, o que constitui uma barreira.

6 HARRIS; RUGGLES, op. cit., p. 34.

7 SPIRN, A. W. **The language of landscape**. New Haven: Yale University Press, 1998, p. 33.

8 HARRIS, op. cit., p. 13.

9 CRARY, J. **Suspensions of Perception: Attention, Spectacle and Modern Culture**. Massachusetts: MIT Press, 1999, p. 1.

Por acreditarmos que as suas palavras expressam completamente a essência dessa forma de olhar para a paisagem urbana, citamos Marcel Proust, por meio de Pierre Bourdieu, para quem “aquelas ‘maravilhosas fotografias de paisagens e cidades,’ que podem proporcionar uma imagem incomum de um objeto familiar, uma imagem diferente daquelas a que estamos acostumados a ver, incomum e ainda assim fiel à natureza, e por isso duplamente impressionante porque surpreende, nos tira do casulo de nossos hábitos e, ao mesmo tempo, nos traz de volta a nós mesmos, nos lembrando de uma impressão anterior”¹⁰.

Assim como para Anne Spirn, o significado da paisagem é “complexo, camadas, ambíguo, nunca simples ou linear”¹¹, então o espaço da cidade do Porto, assim como todos os lugares, é composto por várias camadas de significado. A cidade, como a paisagem, tem a imaginação e as imagens como uma faculdade fundamental de sua interpretação. E, como afirma o filósofo Bachelard, nem “todos os objetos do mundo estão disponíveis para devaneios poéticos. Mas assim que um poeta escolhe seu objeto, o próprio objeto muda de ser. Ele é promovido à condição de poético”¹².

Considerações

A visão da cidade é uma construção não apenas do olho físico, mas também do pensamento e da memória, como argumentado por Platão e explorado por Gombrich. A técnica fotográfica empregada no ensaio busca evocar a imaginabilidade e a legibilidade da paisagem urbana, desafiando a linearidade e a simplicidade da visão tradicional. Anne Spirn e outros autores mencionados sublinham a complexidade e a estratificação dos significados na paisagem urbana, que são reinterpretados através das lentes da fotografia.

A utilização de exposições múltiplas permite a criação de uma “cidade transparente”, onde a opacidade e os limites entre diferentes planos são eliminados, proporcionando uma nova forma de interação visual com o espaço urbano. Esta abordagem visual sugere que a paisagem urbana é composta por diversas camadas de significado, influenciadas pela memória e pela imaginação. Assim, como Marcel Proust sugere através de Pierre Bourdieu, essas imagens oferecem uma visão incomum e impressionante da cidade, que nos tira dos nossos hábitos e nos faz reimaginar o familiar.

10 PROUST, M. apud. BOURDIEU, P. **Photography: A Middle-Brow Art**. California: Stanford University Press, 1996, p. 75.

11 SPIRN, op. cit., p. 33.

12 BACHELARD, G. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 148.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BRISSAC, Nelson. **Paisagens Urbanas**. São Paulo: Senac, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Photography: A Middle-Brow Art**. California: Stanford University Press, 1996.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Lisboa: Teorema, 1990.
- CRARY, Jonathan. **Suspensions of Perception: Attention, Spectacle and Modern Culture**. Massachusetts: MIT Press, 1999.
- HARRIS, Dianne; RUGGLES, D. Fairchild. **Sites Unseen: Landscape and Vision**. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 2007.
- JAY, Martin. **Downcast Eyes: The Denigration of Vision in Twentieth Century French Thought**. California: University of California Press, 1992.
- SPIRN, Anne Whiston. **The language of landscape**. New Haven: Yale University Press, 1998.